



## Horta agroecológica como caminho para encontros

Das longínquas eras nas quais nossos ancestrais desciam das árvores para explorar as planícies africanas até o atual momento da humanidade, a busca por alimento sempre esteve vinculada em nossos “marcadores genéticos”. No período Neolítico, os caçadores-coletores cedem lugar aos primeiros povos agricultores, que iniciam a seleção de sementes de melhor qualidade para agricultura e as primeiras práticas na pecuária. Assim, transpassam a experiência do nomadismo, tomando para si o sedentarismo resultante da necessidade de cuidar das novas fontes de nutrientes.

Hoje, em pleno século XXI, observa-se um dos mais enraizados paradoxos da humanidade: a ocorrência de doenças e de desequilíbrios socioambientais em prol da produção de alimentos. Muitas foram as mudanças na agricultura durante esse longo período, sendo um marco histórico ocorrido após a Segunda Grande Guerra, a chamada Revolução Verde, que se traduziu em um novo projeto para a agricultura global, impondo profundas mudanças estruturais, como o uso intensivo de maquinário, expansão dos monocultivos e concentração de terras, além de quantidades incalculáveis de agrotóxicos e fertilizantes químicos.

De uma agricultura de subsistência, chegou-se ao outro extremo: um modelo direcionado ao mercado, em que as regras do jogo são ditadas pelo capital. E a Revolução Verde foi além, ofertando em seu legado a usurpação cultural e social dos povos tradicionais mediante a uniformização das práticas e o achatamento dos conhecimentos ancestrais de camponeses e camponesas. Na atualidade, tais grupos são majoritariamente dependentes do uso de agrotóxicos, fertilizantes e sementes industriais. Esse modelo de produção, mecanizado e envenenado, colabora inclusive para o êxodo rural e para um maior distanciamento entre o campo e a cidade.

Na áreas urbanas, a rapidez tecnológica vem impondo num ritmo explosivo a rotina humana, o que desconecta o homem ainda mais da fonte de produção dos alimentos que consome. A alimentação vem se tornando plastificada, *fast food*, individualista. Não se presta mais atenção ao que se come: consome-se rapidez e praticidade.

Felizmente, a história tem demonstrado a capacidade humana em reverter cenários desfavoráveis. E, um dos caminhos para tal reversão está na agroecologia, que tem, dentre os seus pilares, a promoção de práticas de cultivo respeitosas a todos os seres, bem como a aproximação entre o rural e o urbano, na busca de diálogo entre produtores e consumidores, no intuito de ofertar alimentos saudáveis, livres de insumos químicos, e promover encontros harmônicos.

Experiências agroecológicas bem-sucedidas estão acontecendo em todo o território brasileiro. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no *campus* da Ilha do Fundão, existem diversos coletivos que têm na agroecologia seu objetivo maior. É o caso da Feira Agroecológica da UFRJ, que agrega agricultores do Município do Rio de Janeiro e outros, aproximando produtores e consumidores. Também o Projeto de Extensão MUDA – Mutirão de Agroecologia, coordenado pela Escola Politécnica da UFRJ e do qual o Instituto de Estudos em Saúde Coletiva (IESC/UFRJ) é integrante, dentre as suas linhas de ação, oferece



capacitação para criação e manejo de hortas comunitárias na cidade, além de produzir alimentos no próprio campus universitário, em um sistema agroflorestal.

Inspirada nessas iniciativas, nasce a proposta de criação da Horta do IESC, em uma área pouco utilizada e anteriormente destinada à jardinagem. Fruto de um esforço coletivo, envolvendo direção, professores e funcionários dos serviços de jardinagem e limpeza, tem como objetivos não só produzir alimentos livres de insumos químicos, mas também tornar-se um espaço de aprendizado e criação conjunta, abrindo espaço no ritmo “fast” da cidade aos encontros e diálogos para o corpo social do instituto.

O plantio teve início em julho de 2016, e o primeiro almoço colaborativo aconteceu em setembro do mesmo ano, sendo realizados a colheita, o preparo da salada e a refeição compartilhados. Participaram desse encontro alunos, professores, técnico-administrativos e funcionários terceirizados, partilhando da mesma refeição em que foi possível vivenciar a experiência de consumir alimentos frescos, colhidos no mesmo dia e preparados por todos. A refeição promoveu não só uma reflexão sobre padrão alimentar, mas, sobretudo, foi marcante a interação entre grupos de servidores e alunos distintos, que se uniram ao redor da mesa e compartilharam o essencial: alimento, sorrisos e encontros.

Assim, um local antes pouco conhecido e frequentado no instituto é hoje motivo de inspiração para muitos que, durante suas atividades diárias, o visitam com os mais diferentes objetivos: busca de informações, plantio de mudas, colheita eventual de algum alimento, troca de experiências, ou ainda um momento de relaxamento.

A horta se mantém viva e a rede de “guardiões” e interessados cresce, suavizando a tendência atual “ao exílio produtivo” decorrente da cadência do modelo de trabalho vigente. A pequena horta fez mais que seu papel primário. Novos encontros têm se estabelecido, aproximando, motivando, reforçando autoestimas e diminuindo diferenças. Notícias sobre sua existência vêm inclusive se difundindo e atraindo outros visitantes da universidade ao novo espaço, carinhosamente batizado de “Recanto Verde” por uma das funcionárias-guardiãs que atua no IESC/UFRJ.

Uma iniciativa simples, mas que já rendeu bons frutos em tão pouco tempo! Nesses encontros, as pessoas se reinventam, retomando a capacidade de produção de alimentos com as próprias mãos, coletivamente, e sem o uso de químicos. Demonstra-se que a busca por um mundo produtivo, menos individualista e com mais compartilhamentos e encontros é possível.

*Paula Fernandes de Brito*<sup>1</sup>

*Marcia Gomide da Silva Mello*<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.